

A SINFÔNICA de Campinas no Municipal, com Juarez. Folha de S. Paulo,
São Paulo, 15 nov. 1977.

Folha de
São Paulo $\frac{15}{11}$
 $\frac{77}{77}$ A Sinfônica de
Campinas no
Municipal, com Juarez



O maestro Benito Juarez, criando "laboratórios"

O maestro Benito Juarez, regendo cerca de 300 pessoas (200 músicos mais 4 corais, apresentará hoje, às 21 horas, no teatro Municipal de São Paulo, a "Nona Sinfonia" de Beethoven, à frente da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas. No concerto, os corais Arte Vocal, CUCA, USP e UNICAMP cantarão acompanhados pela Sinfônica campineira, ao lado dos solistas Niza Tank, Eliana Karan, Luis Tenaglia e Fernando Carvalhaes.

Juarez manifesta seu desejo de ser como o "Seu" Zé, sanfoneiro da pequena cidade de Cabedelo, em Pernambuco. "Lá, falar em renda per capita é piada. As mães dão água com rapadura para os filhos, por não poderem comprar leite. Mesmo assim, semanalmente os pescadores reservam uma quantia para pagar o sanfoneiro. Para eles, assistir uma apresentação musical é um ritual necessário à vida de qualquer homem".

Benito Juarez se vê assim: necessário como um humilde sanfoneiro. Por isto está à frente da Orquestra Sinfônica de Campinas, recentemente reorganizada, mas que já suscitou inúmeras discussões e elogios. Ela é a primeira sinfônica composta somente por músicos brasileiros, com

idade média em torno dos 20 anos. Seu objetivo vai além das platéias sofisticadas, habitual público da música erudita. Eles se exibem também em circos e bairros da periferia.

Em pelo menos uma das reuniões para ensaio os músicos discutem problemas que ultrapassam a própria sinfônica, como a profissionalização do músico e seu papel na sociedade, por exemplo. Para o maestro Juarez, os laboratórios, os estudos de história da música ou a procura do aperfeiçoamento técnico, são tão importantes quanto a consciência da função do instrumentista. Por isto a orquestra toca também música popular e já tem marcado o início de um trabalho, com o compositor Egberto Gismonti, para realizar trilhas sonoras para filmes.

Juarez insiste na função ritual do músico: "ouvir disco é muito bom, assistir uma audição de música pela televisão também, mas nada substitui o aspecto mágico que es estebece quando o público vê o instrumentista no trabalho de construir o som. É um momento de encontro, de comunicação total. É um ritual de importância social, que só pode ser realizado por pessoas, e é tão vital para quem ouve como para quem toca".

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029959